

O Sol e o jornalismo alternativo: rompimento de paradigmas na imprensa brasileira ¹

Leandro BRITO²

Márcia Neme BUZALAF³

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Resumo

Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre o processo de produção textual do jornal alternativo *O Sol* – periódico que circulou no Rio de Janeiro entre setembro de 1967 e janeiro de 1968 –, com base em fundamentos do jornalismo literário. Os conhecimentos em torno do estudo jornalístico proposto por Ciro Marcondes Filho e o *New Journalism* são os pontos de partida para entender a origem e as características deste periódico, fundado no Rio de Janeiro, em plena a ditadura civil-militar brasileira. A fim de confirmar a propensão do jornal ao uso de recursos próprios do gênero literário, foi analisada uma reportagem publicada na primeira edição do periódico, utilizando com referência os princípios literários, defendidos pelo jornalista e docente Edvaldo Pereira Lima.

Palavras Chaves: Jornalismo literário; *O Sol*; *New Journalism*; Mendigo; FMI.

Introdução

Durante a década de 1960, as constantes crises que assolaram a década trouxeram mudanças significativas mundialmente. Ao mesmo tempo em que alguns conflitos eram intensificados e outros, iniciados, as ditaduras civil-militares eram difundidas com auxílio dos Estados Unidos na América Latina. Diante das tensões, dois tipos de consciência foram formados: a conformação e a resistência. Este estudo prioriza o segundo, principalmente na figura do *New Journalism* e da imprensa alternativa.

Como será abordado, o *New Journalism* foi uma corrente do jornalismo literário, iniciada nos Estados Unidos, que basicamente tinha como princípio resistir ao jornalismo produzido pelo grande imprensa. Assim, os jornalistas deste período buscaram inspiração em muitos escritores e jornalistas romancistas, aderindo à subjetividade, à imersão na realidade, à descrição, à humanização e outros recursos da literatura; na medida em que renunciavam à objetividade, à neutralidade, à pirâmide invertida e ao *lead*, considerados na época fruto do capitalismo.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UEL, email: leandro_brito91@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UEL, email: marciabuzalaf@gmail.com

Para compreender melhor o objeto desta pesquisa, foi fundamental retomar os estudos de Ciro Marcondes Filho sobre o jornalismo. Além do contexto em que *New Journalism* foi formado e suas principais características, para entender o que levou a consolidação do novo gênero e qual seria a sua relação com *O Sol*, jornal da imprensa alternativa brasileira.

Com base nestes conhecimentos, foi possível dar atenção à principal temática desta pesquisa, isto é, a produção textual do jornal alternativo *O Sol*. Para isso, foi necessário conhecer a história deste periódico, além de suas principais características e inovações, a fim de destacar se o jornal poderia ser enquadrado no novo jornalismo. Neste sentido, foi analisada uma reportagem, publicada na primeira edição do periódico, usando os 10 princípios do jornalismo literário, que Edvaldo Pereira Lima⁴ (2008) defende na quarta edição do seu livro *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*.

Jornalismo: história e resistência

Em meados do século xx, uma série de acontecimentos proporcionou uma ruptura com os padrões jornalísticos estabelecidos ao longo de séculos. Neste momento, a transição do jornalismo com uma lógica capitalista já havia sido concretizada. Contrariando o processo mercadológico, na década de 1960, renasceu o jornalismo literário. Para entender os motivos que contribuíram com a redescoberta deste tipo de produção, é interessante retomar as fases do jornalismo proposta por Ciro Marcondes Filho (2000) em seu livro *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*.

Marcondes Filho (2000) estabelece uma relação cronológica do jornalismo, dividido em quatro fases, que vai desde as primeiras referências da profissão até a sua atual configuração. Antes de propor a primeira fase, o autor reconhece a existência do pré-jornalismo, em que, segundo ele, a produção não poderia ser considerada efetivamente jornalística, pois possuía características mais semelhantes aos livros romanescos do que, propriamente, a de um jornal. Sendo assim, a primeira fase, para Marcondes Filho (2000), tem efetivamente início em 1789, com a Revolução Francesa, e permanece até metade do século XIX. Neste período em que o iluminismo estava em evidência, o papel do jornalista

⁴ É professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Jornalista e educador, Doutor em Ciências da Comunicação pela USP e Pós-doutorado pela Universidade de Toronto, Canadá. Graduado em jornalismo e turismo

caracterizava por trazer à tona todas as informações que, durante a Idade Média e uma parte da Idade Moderna, ficaram sobre domínio da igreja. Na tentativa de iluminar o que estava obscurecido, o jornalista tinha uma função muito semelhante a de um porta-voz e se distanciava muito de um propagador da ideologia de uma empresa jornalista. Assim, os jornais eram “escritos com fins pedagógicos e de formação política” (FILHO, 2000, p.12).

A segunda fase do jornalismo, proposta por Marcondes Filho (2000), tem início com a invenção da prensa rápida, desenvolvida pelo alemão Friedrich K ning, em 1811. O alto custo para a manutenção da nova tecnologia de impressão ingressou o jornalismo na lógica de mercado, própria do capitalismo. Nesta etapa, o valor de troca dos jornais se sobressai em relação ao valor de uso. Assim, “todo o romantismo da primeira fase será substituído por uma máquina de produção de notícias e de lucros com os jornais populares e sensacionalistas” (FILHO, 2000, p.13).

Já inserido em uma lógica capitalista, a terceira fase, que começa no início do século XX, é marcada pelo crescimento das empresas jornalísticas e o desenvolvimento do monopólio da informação. Neste momento, de acordo com Marcondes Filho (2000), a “verdade” e as questões humanísticas da sociedade são geralmente ignoradas. Assim, ao mesmo tempo em que o jornalismo se travestia dessas características, o mundo estava passando por inúmeras transformações históricas: as crises econ micas, desencadeada pela grande depressão americana; as guerras mundiais; o florescimento de partidos totalitários; o surgimento de novas ideologias, como o socialismo e o comunismo.

A quarta e última fase do jornalismo, iniciada por volta da década de 1970, teve início na era tecnológica e se estende até a contemporaneidade. Nesta etapa, Marcondes Filho (2000) destaca dois processos que caracterizam essa fase do jornalismo. O primeiro que Hans Magnus Enzensberger chamou de “Indústria da Consciência”, isto é, a estratégia “de fazer passar inconscientemente uma propaganda como se fosse notícia de interesse público” (MARCONDES FILHO, 1986, p.29). Em *Mudança da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*, Habermas (2003) destaca com eficácia essa estratégia dos meios de comunicação de publicar interesses privados como sendo públicos.

A história dos grandes jornais na segunda metade do século XIX demonstra que ela se comercializa. Desde que a venda da parte dos anúncios, a imprensa, que até então fora instituição de pessoas privadas, torna-se instituição de determinados membros do público enquanto

pessoas privadas – ou seja, pórtico de entrada de privilegiados interesses privados na esfera pública. (HABERMAS, 2003, p. 217 e 218).

O segundo processo é caracterizado pela “substituição do agente humano jornalista pelos sistemas de comunicação eletrônica, pelas redes, pelas formas interativas de criação, fornecimento e difusão de informação” (Marcondes Filho, 2000, p.33). Neste momento, as investigações jornalísticas são substituídas pela busca de informação, principalmente, por meio da internet e do telefone.

O primeiro capítulo do livro de Marcondes Filho (2000) é titulado *Tudo que é iluminado obscurece*. Como mostra o autor, o obscurantismo adentrou as redações jornalísticas com o enfraquecimento do jornalismo, iniciado na terceira etapa da profissão. A decadência do jornalismo é basicamente reforçada pelo sentimento de incerteza e pessimismo que tomou conta da sociedade com a crise da modernidade, o que Friedrich Nietzsche caracterizou com niilismo. De acordo com Marcondes Filho (2000),

Aqui, o aumento fantástico da produção significou uma total reorientação da indústria jornalística no sentido de render lucros e se tornar economicamente auto-sustentável. Consequentemente, o jornalismo deixou de ser tão livre, descomprometido, espaço aberto a toda e qualquer manifestação dos agentes sociais, tornando-se produto “trabalhado”, voltado ao mercado, dependente dos gostos e do interesse de uma ampla massa de consumidores. A audácia e a criatividade jornalística perdem terreno em relação ao conformismo e à repetitividade mercadológica. (FILHO, 2000, p. 32 e 33).

Apesar da observação final de Marcondes Filho (2000), que sugere o jornalismo mercadológico, como único meio de comunicação nas duas últimas fases do jornalismo, Sylvia Moretzsohn (2007) argumenta em seu livro *Pensado contra os fatos: Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico* que, embora a aparência do monopólio da imprensa dominante seja propagada, na realidade isso nem sempre é confirmado. Segundo a autora, “nenhum sistema consegue ser suficientemente monolítico a ponto de sufocar todo e qualquer tipo de contestação, de tal forma que o pensamento crítico sobreviverá sempre, embora nem sempre consiga manifestar-se em seu tempo” (MORETZSOHN, 2007, p. 113).

Levando em conta o pensamento de Moretzsohn (2007), é possível dizer que a autora tem razão, prova disso foi que, mesmo diante das configurações estabelecidas do jornalismo nas duas últimas fases, nasceu nos Estados Unidos uma modalidade de jornalismo literário, o *New Journalism* e, no contexto da ditadura civil-militar brasileira, a imprensa alternativa.

Peculiaridades do *New journalism*

A preparação do terreno para o florescimento do *New Journalism* está diretamente relacionada a dois fatores. Primeiramente, devido ao espírito pessimista e à insatisfação das pessoas, mediante as crises econômicas, as constantes guerras, a propagação dos governos totalitaristas, iniciadas, de acordo Marcondes Filhos (2000), na terceira fase do jornalismo. O segundo fator que determinou o nascimento do novo jornalismo foi a indignação de jornalistas diante da mercadorização da profissão. Marshall (2003) enfatiza a questão mercadológica por de traz do *lead* e da pirâmide invertida.

O exercício cotidiano de empilhar o *lead* e a pirâmide invertida faz com que o jornalista perca a sensibilidade e a percepção para sutilezas e os meandros da realidade que envolvem a notícia e exercite mecânica e acriticamente uma tarefa tão vital para a sociedade. O jornalista pós-moderno transformou-se numa máquina de produção, de informação, um operário com demandas estipuladas e prazos de entrega a cumprir... O jornalista da era pós-moderna anula o senso crítico e a capacidade de reflexão e permite-se o ato de submeter o *lead* e a pirâmide invertida à lógica de mercado”. (MARSHALL, 2003, p.32).

Neste jornalismo caracterizado por técnica de produções padronizada, prezava-se pela objetividade, pela imparcialidade, pela transparência, pela neutralidade, características relacionadas ao *lead* e à pirâmide invertida. Assim, ao mesmo tempo em que se fixavam as novas formas de produção jornalísticas, alguns princípios eram negados, como a subjetividade, a humanização e a imersão na realidade dos fatos. De acordo com Marcondes Filho (1986), para

Libertar-se da forma capitalista de fazer jornal não significa fazer jornalismo objetivo e imparcial. [...] A mudança da forma capitalista de fazer jornalismo está mais no tratamento da matéria. No enfoque, na valorização dos componentes da notícia, na perspectiva subjetiva de aproveitamento do fato, que conduz à identificação com o leitor e à quebra de relação coisificada entre produtor e receptor de notícias, em suma, à produção de vínculos solidários. (MARCONDES FILHO, 1986, p.33).

Como argumenta Nelson Traquina (2001), o Novo Jornalismo tem o seu advento justamente com este rompimento proposto por Marcondes Filho (1986).

Nos Estados Unidos, um *novo jornalismo* questionou as formas sagradas das notícias e sacudiu os dogmas tradicionais, como da objetividade, que ajudavam a orientar a atividade jornalística. Em diversos países, a onda de protesto invadiu o espaço sacrossanto das universidades e colocou os seus

membros perante as dúvidas emergentes e a necessidade de novas perguntas. (TRAQUINA, 2001, p.56)

Este jornalismo literário, que parecia ser uma novidade da década de 1960, já havia sido experimentado por alguns profissionais anteriormente. Para ter uma noção, no período em que Marcondes Filho (2000) identifica como Pré-Jornalismo, profissionais como Daniel Defoe, editor e escritor da revista *Review* no século XVIII (1725), já usavam recursos próprios da linguagem literária para narrar histórias reais. Dentro da história do jornalismo, Charles Dickens, no ano de 1835, foi um repórter também conhecido por usar o jornalismo literário, mas o nascimento oficial do novo gênero teve início em 1946, na revista *The New Yorker*. Apesar disso, o auge desse novo jornalismo só é alcançado nas décadas de 1960 e 1980.

Alguns nomes são muito lembrados quando se aborda o *New Journalism*, como Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese. Ao longo de anos, estes escritores foram responsáveis por restabelecer as características do jornalismo literário em cada obra que produziam. Truman Capote, em *A Sangue Frio*, por exemplo, insere algumas técnicas literárias, como descrição, narração, diálogos, entre outros, para narrar as histórias dos quatro membros de uma família assassinada em Holcomb, Kansas e dos autores da chacina. Assim, “os jornalistas começaram a descobrir os recursos que deram ao romance seu poder único, conhecido entre outras coisas como seu imediatismo, sua realidade concreta, seu envolvimento emocional, sua qualidade absorvente e fascinante” (QUEIROZ, 2011, p.7).

Diante de diferentes referências sobre o gênero que estava sendo lapidado, em 1973, Tom Wolfe publicou um manifesto, em que apresentava os quatro recursos básicos do novo jornalismo: reconstruir a história cena a cena, registrar diálogos completos, apresentar cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens, registrar hábitos, roupas gestos e outras características simbólicas dos personagens.

É interessante destacar também que este novo jornalismo propõe modificação na maneira “como se apura, redige e edita o fato noticioso, utilizando-se de uma série de técnicas da literatura de ficção e mantendo uma visão mais humanitária na sua abordagem, contrariando a distância e a frieza do jornalismo tradicional” (CZARNOBAI, 2003, p.6). Kucinski (1991) reitera que o novo jornalismo,

[...] era também um jornalismo com ambições estéticas, inspirado no *New-Journalism*, o movimento de rebelião estilística dos jornalistas norte-americanos contra a camisa de força da narrativa telegráfica, que

introduziu a reportagem jornalística de valor literário, baseada na vivência direta do repórter com a realidade que se propunha a retratar. (KUCINSKI, 1991, p.20)

Embora o novo gênero tenha iniciado nos Estados Unidos, ele não ficou concentrado apenas no território norte-americano; pelo contrário, se espalhou para outras regiões do continente americano e assim, acabou por influenciar na produção jornalística de muitos meios de comunicação. De acordo com Lima (2008), no Brasil, a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde* são exemplos de produção jornalística influenciada pela *New Journalism*.

A revista *Realidade* foi criada dentro do contexto da ditadura brasileira, oficializada em 1964 com o golpe civil-militar. O período de auge da revista está situado entre os anos de 1966 e 1968. Neste momento em que a revista esteve em alta, nasceu no Rio de Janeiro o jornal *O Sol* que, embora não seja reconhecido, também tinha uma produção baseado no jornalismo literário e que, provavelmente, tenha tido influência deste novo jornalismo, iniciado nos Estados Unidos.

No livro *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, Edvaldo Pereira Lima (2008) introduz os 10 principais alicerces para identificar um jornalismo literário: 1) exatidão e precisão; 2) contar uma história; 3) humanização; 4) compreensão; 5) universalização temática; 6) estilo próprio e voz autoral; 7) imersão; 8) simbolismo; 9) criatividade; e 10) responsabilidade ética.

O Sol: um jornal de rupturas e inovações

A década de 1960 foi um período conturbado mundialmente. Em um contexto de constantes tensões devido, principalmente, aos conflitos ideológicos antagônicos, defendidos pelos Estados Unidos (capitalismo) e pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) (socialismo), contribuiu com a difusão de governos ditatoriais em diferentes regiões da América Latina. No Brasil, o regime ditatorial foi imposto em primeiro de abril de 1964, com o golpe civil-militar.

A subida dos militares ao poder inseriu os brasileiros em uma nova realidade. A partir desse momento, eles foram obrigados a viver sob censura, cerceamento da liberdade, torturas, além de outros tipos de violências. Como era de se esperar, nem todos os cidadãos

aceitaram viver a realidade desumana, imposta pelos ditadores. Assim, nasceram os grupos de resistência, como os grupos de guerrilhas e a imprensa alternativa.

Particularmente, a imprensa alternativa nasce com este intuito de resistência ao regime. Entretanto, os militares não eram o único inimigo declarado. Como argumenta Kucinski (1991), o combate ao capitalismo inspirou a fundação desses novos meios de comunicação.

Uma notável aversão àquilo que Weber denominou de “espírito capitalista”, foi outro traço marcante e denominador comum de todos os jornais ao longo do ciclo alternativo. Era algo que se originava do imaginário mesmo das esquerdas e da juventude da época, na sua oposição geral, não só ao regime militar, mas ao próprio capitalismo. Movia-os, ao contrário, um espírito anticapitalista. Repudiavam o lucro. (KUCINSKI, 1991, p.8)

No Brasil, assim como nos Estados Unidos, o repúdio a lógica capitalista dos jornais tradicionais, que convencionou o *lead* e a pirâmide invertida como técnicas padronizadas de produção de texto jornalístico, levou aos idealizadores da imprensa alternativa a utilizarem recursos linguísticos e, muitas vezes, estruturais diferentes dos usados pela grande imprensa. De acordo com Lima (2008), muitas das técnicas usadas por alguns meios de comunicação do período da ditadura civil-militar brasileira foram inspirados no *New Journalism*, expoente do jornalismo literário, estabelecido no território norte-americano. Condizente com a proposta de renovação, o poeta, escrito e jornalista Reynaldo Jardim fundou, em 1967, no Rio de Janeiro, o jornal alternativo *O Sol*.

O SOL – com toda carga simbólica que a palavra carrega desde que o primeiro homem olhou para o céu – surge agora para contrariar o velho Salomão. Algo de novo surge. Surge e vai buscar seu nome na estreia que julgara já ter visto tudo. Aqui está um jornal que altera fundamentalmente os conceitos tradicionais de imprensa escrita. Não se trata de uma renovação gratuita. Ela é a conclusão de demorados estudos sobre a função da imprensa e sua eficiência nos dias de hoje, quando não se pode desconhecer o significado da informação pela imagem direta e imediata que a TV proporciona.⁵

A viabilidade do jornal só foi possível devido à parceria entre o Reynaldo Jardim e o diretor do *Jornal dos Sports*, que financiou o periódico. Com matérias sobre cidade,

⁵ Os trechos sobre *O Sol* neste subtítulo são retirados do editorial da primeira edição do jornal.

educação, economia e cultura, *O Sol* veio para somar forças ao jornal especializado em matérias esportivas, já que ele era um dos encartes do *Jornal dos Sports*.

A partir de hoje, *O JORNAL DOS SPORTS* e “O Sol” circularão juntos. São dois jornais diferentes, que se completam na finalidade da missão, tanto quanto na natureza dos assuntos. [...] Todos os que acompanham o apaixonante movimento esportivo e se acostumaram a procurar no *JORNAL DOS SPORTS* a fonte principal de conhecimentos nesse destacado setor, encontrarão também, desde hoje, o acréscimo indispensável de tudo aquilo que compõe o dia-a-dia do cidadão da sociedade do País e do mundo.⁶

Como uma das exceções na categoria da imprensa alternativa, *O Sol* era um jornal diário e, ao mesmo tempo, um jornal-escola. De acordo com Ana Arruda, a ideia de Reynaldo Jardim desde o início foi, não apenas fundar mais um meio de comunicação qualquer, ele ia além, ou seja, tinha a intenção de desenvolver uma escola de jornalismo onde os estudantes pudessem aprender na prática com fazer um jornalismo de qualidade. Neste intuito, tinha-se a proposta de desenvolver uma faculdade, devido a problemas financeiros isso não foi possível, apesar disso, dentro da redação d’*O Sol* o espírito pedagógico-educacional sempre esteve presente.

Internamente, a redação d’*O Sol* era dividida entre estagiário – estudantes responsáveis por produzir as matérias – e os jornalistas e escritores conceituados, que tinha a função semelhante a professores, com o objetivo de auxiliar os estagiários em suas produções, auxílio este, que ia desde a produção da pauta até a finalização do texto. É importante lembrar que o fato da produção das matérias ser orientados pelos profissionais mais experientes, não que dizer que as produções caminhavam para a produção de uma fórmula estanque e prototípica, pois cada estagiário tinha liberdade na hora de escrever. Foi neste sentido que a linguagem literária adquiriu espaço n’*O Sol*.

A imprensa, de maneira geral, tem contribuído para estagnar a linguagem. Nossa linguagem será a palavra viva do homem da rua, do estudante. Para maior clareza do que temos a dizer não temeremos o uso do vernáculo mais purista, nem temeremos o papo legal hipercalibrado da juventude.

Como será possível perceber na análise de uma do texto do jornal na última etapa deste artigo, *O Sol* tinha uma característica linguística muito próxima da literária. Semelhante ao *New Journalism*, os textos eram recheados de descrições, personagens,

⁶ Trecho do editorial do *Jornal dos Sports*, do dia 21 de setembro de 1967.

frases no sentido figurado. Além disso, em muitos deles estavam presentes a subjetividade e a contextualização dos fatos. No primeiro editorial do jornal, é possível perceber este cuidado com os assuntos abordados, principalmente para melhor entendimento dos fatos.

Este é um jornal atento aos fatos do dia, mas jamais desatento às correlações que os fatos do dia têm com o contexto geral dos acontecimentos. A integração dos fatos nos preocupa, pois, sabemos que todos os grandes acontecimentos são gerados pela soma de pequenos fatos isolados, e que os pequenos fatos isolados resultam, por sua vez, dos grandes acontecimentos. Este é um jornal jovem e inquieto.

Para alcançar com eficiência a característica apresenta acima, o repórter precisava investigar a fundo os fatos, apurar todas as informações a fim de ter a possibilidade de separar aquelas coerentes e aquelas inconsistentes. Apesar de tudo isso, ainda tinha espaço n’*O Sol* para opiniões, debates, crônicas, classificados, local reservado para folhetins, dicas de moda, charges e ilustrações.

Além das características linguísticas, é importante destacar estrutura gráfica do jornal, que tinha uma configuração própria. A estruturação d’*O Sol* foi desenvolvida com base na observação de Reynaldo Jardim nos ônibus lotados. De acordo com ele, como os jornais em formato *standard* eram muito grandes, as pessoas tinham dificuldade de ler o jornal, para resolver este problema, ele pensou em uma diagramação quadrática, o que permitia dobrá-lo para melhor leitura.

Nossa diagramação em quartos de páginas é outra prova de que queremos realmente nos comunicar. *O Sol* é um jornal para ser lido, não folheado. Ninguém terá dificuldade em ler uma reportagem aqui até o fim, mesmo num ônibus lotado.

Diante de todas as inovações, *O Sol* chamou a atenção dos cariocas e ganhou leitores não só no Rio de Janeiro, mas também em outros estados brasileiros. Publicado pela primeira vez em 21 de setembro de 1967, o jornal foi vítima das atrocidades do regime militar, o que em janeiro de 1968 levou ao fechamento do jornal. Durante os quase quatro meses de existência, importantes profissionais fizeram parte d’*O Sol*, como Ana Arruda Calado, Carlos Heitor Cony, Otto Maria Carpeaux, Martha Alencar, Tetê Moraes, Ziraldo, Henfil, Zuenir Ventura, Chico Buarque, Ruy Castro, entre outros.

Paralelo entre reportagem e princípios literários

A reportagem *Mendigos recolhidos pelo governo* foi publicada na primeira edição do jornal *O Sol*, em 21 de setembro de 1967 e será o suporte usado para comprovar que no periódico alternativo, o jornalismo literário era constantemente usado, além de ser uma linguagem recorrente do jornal. Como já foi apresentado, servirão como base de análise os 10 princípios do jornalismo literários, apresentado por Edvaldo Pereira Lima (2008), na quarta edição do livro *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*.



O primeiro princípio é exatidão e precisão. De acordo com o Lima (2008), não é por que os textos jornalístico-literário têm característica do gênero literário que eles são floreado, carregado de adjetivos ou apelativo, pelo contrário a apuração criteriosa é a base deste novo gênero. Para evidência o equilíbrio linguístico, basta ler a reportagem aqui analisada. A busca por diferentes fontes e a apresentação dos fatos evidenciam o cuidado que o repórter teve ao investigar os fatos que giram em torno da recolhida de mendigos no Rio de Janeiro, no cenário em que os delegados do FMI (Fundo Monetário Internacional) visitaria o Brasil.

No segundo princípio, denominado contar uma história, Lima (2008) chama a atenção para o resgate de histórias humanas no jornalismo literário, princípio, muitas vezes, ausente na grande imprensa, por esta dar mais importância à notícia em si. Na reportagem d'*O Sol*, vê-se este resgate principalmente na figura de dona Maria Emília, mendiga cega que pedia esmola na Rua do Ouvidor. Além dela, também é destacado no texto a história de Antônio e Arlete de Sousa, outros dois mendigos retratado na reportagem.

O terceiro princípio está diretamente relacionado com o segundo, que é a humanização. Para Lima (2008), “toda boa narrativa do real só se justifica se nela

encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos” (LIMA, 2008, p.359). Como é possível perceber no trecho da reportagem, o princípio foi muito bem empregado pelo repórter d’*O Sol*.

Ela nasceu cega. Vive de esmola que recebe todos os dias na Rua do Ouvidor, seu ponto fixo há anos. Ela tem dois filhos e quer que eles estudem para ser “alguém na vida”. Maria Emília pede esmola para comer. Ela sabe que o governo está recolhendo os mendigos para que os delegados do FMI não vejam nosso lado pobre. Mas ela vai mudar de ponto porque se ficar o bicho pega.

O quarto princípio é a compreensão. Nele, Lima (2008) argumenta que ao invés de explicar um fato da realidade, os jornalistas precisam compreendê-lo para poder retratá-lo, pois só assim é possível compartilhar conhecimento que, de acordo com o autor, é a verdadeira função do profissional de comunicação. Ainda segundo o autor, compreender é “busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas.” (LIMA, 2008, p.366). Na reportagem d’*O Sol*, esta questão pode ser identificada na temática abordada e no processo de investigação. Nela o repórter entrevista várias fontes, visita os locais retratados no texto, o que possibilita a compreensão dos fatos e uma retração o mais fiel possível da realidade.

A universalização temática é o quinto princípio. Para Lima (2008), o jornalismo literário tem de priorizar assuntos universais, pois a sua função não é escrever assuntos específicos para especialista em uma dada área. O repórter deve também dar prioridade a assuntos humanos que toquem e chamam a atenção dos leitores. Neste sentido, “o autor está em busca, em qualquer assunto, dos temas subjacentes que o tornam universal” (LIMA, 2008, p. 367). Na reportagem analisada, o jornalista optou por trabalhar com um assunto universal e subjacente – a situação dos mendigos, que embora retratada no Rio de Janeiro, é realidade em outras regiões do país. Poucos jornais, principalmente naquele período da ditadura civil-militar, tinha a disposição de trabalhar temas como este, até por que muitas vezes eram proibidos.

Seguido da universalização, Lima (2008) apresenta o estilo próprio e voz autoral. De acordo com o autor, por meio da compreensão de uma realidade o jornalista pode dar o próprio parecer sobre o assunto reportado, ou seja, ele “não é um mero compilador de dados, esforçado moleque de recados que transmite as versões dos fatos moldados conforme os interesses de suas fontes, nem se esconde, submisso, por trás das afirmações dos especialistas” (LIMA, 2008, p. 369). Na reportagem analisada, fica evidente que o

repórter investigou várias pessoas, dentre elas especialistas, e nem por isso relata os fatos de uma maneira acrítica, pelo contrário, apresenta a posição dos especialistas e defende o seu ponto de vista, que vai contra o argumento da Secretaria de Serviço Social que diz ser a recolhida de mendigos algo normal e não uma exclusividade por conta da Convenção do FMI, facilmente percebido no trecho destacado.

Há dezenas de Abrigos no Rio, mas a Secretaria de Serviços Sociais acha poucos e pretende fazer mais. Nenhum dos existentes está em boas condições. Não se sabe o por que, o Governo emprega a verba em construções, deixando os que existem, sem meio de sobrevivência. E ele alega que não há verbas. Não adota nenhuma medida. O máximo que faz é esconder os farrapos da visita. Quando ela for embora, vai tudo pra rua de novo. “Roupa suja se lava em casa”. É a moral.

O sétimo princípio é a imersão. De acordo Lima (2008), o jornalista literário precisa conhecer com exatidão a realidade que ele vai retratar, para o autor, a melhor forma de alcançar este objetivo é o repórter mergulhar na própria realidade. Assim, “primeiro o autor mergulha no real, vive intensamente, de corpo e alma, a experiência de vida dos personagens. Depois é que se afasta, reflete sobre a experiência, deixa as emoções, as intuições e os pensamentos assentarem. E então escreve” (LIMA, 2008, p. 373). A imersão do repórter na reportagem d’*O Sol* fica evidente devido às descrições feitas pelos jornalistas, que vão desde as características e as histórias dos personagens até a descrição dos ambientes visitados, como é possível perceber nos trechos a seguir.

É na Rua do Ouvidor que Maria Emília ganha o pão, *Sentada num caixote, meia triste*, ela espera que as pessoas que passam ali, depositem um auxílio ao seu lado. *Sua roupa é bem pobre, mas limpa. Seu cabelo está amarrado em tranças finas e crespas*. Antônio é mutilado, não tem um braço. Senta numa folha de jornal com a cabeça virada para dentro. [...] Antônio veio de São Paulo, lá trabalhava como servente de hotel.

Como oitavo princípio, Lima (2008) apresenta o simbolismo. Para o autor, “um dos meios de emprego do simbolismo é o uso de metáforas, o recurso de linguagem que me permite substituir uma coisa por outra que ela não é, mas que todo mundo entende” (LIMA, 2008, p. 379). Na reportagem d’*O Sol*, são encontradas algumas expressões no sentido figurado que evidenciam a inserção simbólica do jornalismo literário como: “gente na vida”, “escapa das batidas”, “ela não vê, mas olha o futuro dos filhos”, “se mandou” e “roupa suja se lava em casa”.

Para finalizar, o nono e o décimo princípios são criatividade e responsabilidade ética. A criatividade na reportagem é percebida desde a investigação dos fatos até a construção do texto. De acordo com Lima (2008), o processo criativo deve estar presente em todo o processo de construção textual. Além disso, a responsabilidade ética deve orientar a profissão do jornalista. Para o autor, “o jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disso” (LIMA, 2008, p.389). Isso é possível perceber com uma leitura atenta da reportagem d’*O Sol* sobre a realidade dos mendigos no período da Convenção do FMI no Brasil.

Considerações finais

Mediante a todas as observações e os estudos apresentados, é possível chegar a alguns apontamentos. De acordo com as fases históricas do jornalismo propostas por Ciro Marcondes Filho (2000) e diante da reflexão feita em torno do *New Journalism*, pode-se entender que o novo jornalismo foi impulsionado por dois fatores marcantes: as constantes crises e conflitos da época e, principalmente, devido ao caráter capitalista assumido pelos jornais da grande imprensa a partir do segundo jornalismo.

Apesar da grande importância do jornalismo literário, sobretudo a partir da década de 1960, não tem como dizer que gênero é uma exclusividade deste momento histórico. Como foi apresentado, o uso de recursos próprios da literatura já havia sido usado tanto por escritores quanto por jornalistas, para narrar histórias reais, em momentos anteriores ao *New Journalism*.

Quanto à imprensa alternativa, pode-se destacar que, assim como o *New Journalism*, ela priorizou uma nova forma de produção jornalística também com base no repúdio aos estilos capitalistas, assumidos pelos jornais da grande imprensa. Apesar disso, como argumenta Kucinski (1991), não só a função mercadológica dos meios de comunicação tradicionais era questionada e combatida, mas também o regime militar. Além disso, foi possível depreender que o jornal *O Sol*, idealizado por Reynaldo Jardim, sofreu influência do novo jornalismo, seja por meio do *New Journalism* ou por meio das experiências da revista *Realidade* e do *Jornal da Tarde*, o que, de certa forma, acarretou o uso de recursos literários na produção jornalística do jornal.

Para finalizar, pode-se concluir que a resistência e a inovação são consideradas maneiras de questionar uma realidade ou uma produção que não agrada a todos. Como

argumenta Moretzsohn (2007), mesmo diante da monopolização, sempre há possibilidade da minoria se revoltar e por em prática novas experiências.

Referências bibliográficas

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: EdUsp, 1991.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2009. 4ª Ed.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção da segunda natureza**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus Editorial, 2003

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensado contra os fatos: Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

QUEIROZ, Francisco Aquinei Timóteo. **Rasgando o tecido das formalidades: as técnicas do romance em A Sangue Frio e em Radical Chique**. Revista temática. Ano VII, n. 10 – Outubro/2011. Disponível em:
http://www.insite.pro.br/2011/outubro/romance_tecnicas_formalidades.pdf.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

CZARNOBAI, André Felipe Fontes. **Gonzo – o filho bastardo do New Journalism**. 2003. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. [orientador: Profº. DRº. Paulo Seben de Azevedo].

Fonte primária

Jornal *O Sol*, edições 01. Rio de Janeiro, setembro de 1967.